

GIGANTE LEO

COMEDIANTE REVELA COMO APROVEITAR A VIDA
COM BOM HUMOR

Por: Caroline Baptista | Fotos: Bianca Ponte

“O humor é um estado de espírito... é a maneira como você encara o mundo em que vive.” É assim que o comediante Leonardo Núñez de Miranda Reis, conhecido como Gigante Leo, define sua relação com a vida.

Sempre bem humorado, Leo dribla o preconceito e busca na comédia um estilo de vida.

Aos 33 anos, é o único da família que tem nanismo. Mestre em Engenharia de Software, ele se divide entre a área de tecnologia da informação e o stand up, pois é nos palcos que Leo diz “encontrar seu lugar”.

Apaixonado por teatro, ele integrou um grupo de atores e, com o passar dos anos, se descobriu como um grande humorista.

De lá para cá foram várias peças, apresentações e participações especiais no cenário humorístico. Dentre seus principais trabalhos estão as participações em programas de humor na TV, como ‘Os Caras de Pau’ e ‘Zorra Total’, da TV Globo; e ‘A Praça é Nossa’, no SBT; além de ‘Estranhamente’, ‘Adorável Psicose’, ‘Prêmio Multishow de Humor’, do qual foi o grande vencedor, e ‘O Fantástico Mundo de Gregório’, no canal Multishow; até chegar às telonas com o filme ‘O concurso’, no qual

dá vida ao vilão Polegada, e ao teatro, onde dividiu o palco com o ator Marcelo Serrado na peça ‘É o que temos pra hoje’.

Em 2011, Leo lançou seu primeiro livro, intitulado ‘O Grande Livro dos Anões’, e foi vice-campeão do primeiro campeonato nacional de stand up realizado pelo Risadaria – evento de humor promovido em São Paulo –, enquanto atuava e fazia parte da equipe de roteiristas do espetáculo ‘Desconcertados’.

Em um encontro divertido, Leonardo recebeu a equipe da Revista Incluir na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (RJ), onde falou sobre a carreira e revelou algumas curiosidades sobre o dia a dia de pessoas que, assim como ele, têm nanismo.

Revista Incluir: Você vem se destacando no cenário humorístico. Porém, sua formação é em Ciências da Computação e Engenharia de Software. Como e quando surgiu seu interesse pelas artes?

Leonardo Reis: Eu sempre fui apaixonado pela arte, sobretudo o teatro. Então, desde pequeno, quer dizer, desde quando era novinho (risos), me interessei por

teatro. Esse namoro com o teatro começou quando tinha nove anos de idade, quando comecei a fazer teatro amador num grupo de perseverança da igreja que frequento, o Movimento Eucarístico Jovem (MEJ). Esse grupo de teatro foi se desenvolvendo, participando de festivais de teatro e ganhando alguns prêmios, chegando a um nível semiprofissional. Mais tarde, comecei a fazer stand up, onde conheci vários comediantes e, com o Henrique Fedorowicz e Marcos Castro, montei a peça 'Desconcertados', que era um talk-show no teatro.

RI: E como você migrou para o humor?

LR: Na verdade, sempre fiz coisas ligadas ao humor. Acima de tudo, o humor é um estado de espírito, uma maneira como você encara o mundo em que vive. Porém, nunca gostei de fazer humor que usasse o anão como palhacinho. Fiz várias peças nas quais o personagem era cômico por si só e não fazia menção ao fato de eu ser anão, embora explorasse o físico para fazer comédia também. Mas, graças a Deus, tive condições de construir a minha carreira escolhendo o trabalho que queria fazer.

RI: Como é ser humorista com deficiência?

LR: Nunca enfrentei dificuldades em ser humorista, embora a sociedade brasileira tenha preconceitos, sobretudo o que chamamos de preconceito velado, no meio artístico não encontrei barreiras. No caso do anão, ainda existem certos paradigmas a serem quebrados, como o de ser usado apenas para fazer comédia pastelão ou servir de escada para outros humoristas. Mas a minha opinião é que este lugar comum que colocaram os anões no humor se deve mais pela ausência de artistas anões brasileiros preparados para atuarem ou serem roteiristas, do que como consequência de preconceito.

*“**TODOS NÓS SOMOS IGUAIS, APENAS TEMOS DIFICULDADES DIFERENTES.**”*





entrevista





RI: Quais são os assuntos que você aborda em suas piadas?

LR: Além de fazer piadas do universo dos anões, falo desde as dificuldades de acessibilidade até a forma como as pessoas tratam o anão, geralmente de forma infantil. Também abordo temas como relacionamento, homossexualidade, religião e música brasileira.

RI: Você recebe muitas críticas por fazer hu-

mor sobre a realidade de um anão?

LR: A grande maioria das críticas que tenho recebido é positiva. É muito gostoso ouvir, ao final do show, pessoas agradecendo pela apresentação, não apenas por ter sido um momento de descontração, mas também por ajudá-las a ver a vida de outra maneira. Porém, já fui alvo de críticas severas e negativas de alguns anões. Fui criticado pelo livro que escrevi e por alguns trabalhos realizados, como o vídeo 'Arte Moderna' do canal Porta dos Fundos.



RI: Qual a sua opinião sobre esta questão do politicamente correto no humor?

LR: Embora concorde que existem termos que são ofensivos e preconceituosos, não concordo que o uso do politicamente correto ajuda a diminuir o preconceito. Em algumas situações o politicamente correto pode inclusive 'soar mal'. Eu brinco com isso no meu show.

RI: Com o currículo recheado, você também já participou de vários grupos de stand up e já dividiu o palco com humoristas consagrados, como Leandro Hassum, Fábio Porchat e Marcos Veras. Conte mais sobre essa experiência.

LR: Desde o começo da minha carreira no mundo do stand up, tive a sorte de encontrar no meu caminho pessoas e humoristas geniais que sempre me ajudaram e incentivaram nesta trajetória. Com tanta gente boa ajudando, dando dicas de como melhorar minha apresentação, eu diria que praticamente aprendi a fazer humor por osmose.

RI: E quais são seus ídolos do humor?

LR: Um dos maiores ídolos do humor para mim foi e sempre será Chico Anysio. Um artista completo. Excelente ator de drama e humor, roteirista, contador de piadas e stand up, embora na sua época esse gênero de humor não estivesse na moda aqui no Brasil.

RI: Além de apresentações, você ganhou o Prêmio Multishow de Humor. Como foi participar dessa competição e levar o prêmio principal?

LR: Foi uma das experiências mais desafiadoras e incríveis da minha carreira. Cresci muito com o Prêmio

Multishow de Humor. Quer dizer, aprendi bastante (risos). Nesse prêmio, tive que passar por diversos tipos de humor: fiz stand up, personagens, humor físico, paródias, escrevi esquetes e ainda apresentei um número do humor clássico fazendo Charles Chaplin na final.

RI: O que a premiação proporcionou na sua carreira?

LR: Como premiação, ganhei um programa especial no próprio Multishow, chamado 'Diário de um Gigante'. Neste programa, além de ser o protagonista, fui um dos roteiristas junto com o Ulisses Matos. Aprendi bastante com a experiência, sobretudo na parte de roteirização, já que esta foi a minha primeira atuação como roteirista. Além disso, o Prêmio Multishow de Humor me abriu várias portas, como participações em diversos programas do canal, convites para entrevistas e a minha primeira participação em um longa-metragem.

RI: Falando em filme, você ganhou o papel de vilão no cinema com o 'O concurso'. Como foi essa participação?

LR: Foi uma experiência única e indescritível. O mundo do cinema tem uma magia toda especial, pois possui uma linguagem diferente de todas as demais artes. Meu personagem, o Polegada, é maravilhoso. Tive a sorte de no meu primeiro papel encenar um vilão que tem um grande marco na história do filme, além de quebrar o paradigma de anão só aparecer em filmes com uma atuação sem relevância. Um passo bastante ousado para um iniciante na sétima arte, que seria muito mais difícil se não fosse a acolhida e a ajuda imprescindível do diretor Pedro Vasconcelos. Sem contar a oportuni-

de de aprender e dividir a cena com artistas que sempre admirei, como Danton Melo, Fábio Porchat, Anderson di Rizzi, Rodrigo Pandolfo, Carol Castro e Pedro Paulo Rangel entre outros.

RI: Agora, falando de inclusão. Com relação à acessibilidade, como você avalia os serviços oferecidos a pessoas com nanismo?

LR: Nós anões temos basicamente as mesmas necessidades de acessibilidade de um cadeirante, como, por exemplo, para alcançar coisas altas. Por isso que, quando viajo, costumo ficar em quarto adaptado para cadeirante, o que facilita a minha rotina. No Brasil, já temos alguns avanços na área de acessibilidade, mas ainda temos muito a melhorar.

RI: E você tem notado algumas mudanças nesse sentido?

LR: Sim, podemos perceber as mudanças a cada ano que passa. Tudo bem que vemos melhoras a passos lentos, mas acredito que em um futuro próximo teremos poucos ou nenhum problema de acessibilidade.

RI: Qual mensagem você deixa aos leitores da Revista Incluir?

LR: Todos nós somos iguais, apenas temos dificuldades diferentes. Por isso, nunca deixe que os seus problemas estraguem o seu dia. Não é à toa que hoje se chama presente, porque é um presente que Deus lhe deu. E você pode fazer apenas duas coisas: aproveitá-lo ou desperdiçá-lo. Eu escolhi aproveitá-lo. Faça você o mesmo! ■